

HISTÓRIA[S] DA

DO MODERNO AO
CONTEMPORÂNEO

Marília Panitz
Renata Azambuja Org.

Textos de
Carlos Silva
Cristina Freire
Elida Tessler
Gê Orthof
Glória Ferreira
Simone Osthoff

apoio
Universidade de Brasília
DEX / CESPE



patrocínio e realização



Elaboração da Ficha Catalográfica: José Carlos Saenger

H673 História da arte: do moderno ao contemporâneo / Marília Panitz e Renata Azambuja (organizadoras).

——— Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil; Universidade de Brasília, 2004.

110 p.; 23 cm

1. Arte Moderna. 2. Arte Contemporânea. I. Panitz, Marília, org. II. Azambuja, Renata, org. III. Silva, Carlos. IV. Freire, Cristina. V. Tessler, Elida. VI. Orthof, Gê. VII. Ferreira, Glória. VIII. Osthoff, Simone. IX. Centro Cultural Banco do Brasil - Brasília, DF. X. Universidade de Brasília.

CDU 7.036/.038 (091)

arquivo Brasília:
cidade imaginário

Tribunal de Contas da União
Espaço Cultural Marcantonio Vilaça / 2010
Brasília - DF

INTRODUÇÃO

Em 2003, o Centro Cultural Banco do Brasil nos sugeriu que pensássemos um curso de história da arte para o público em geral. Era, sem dúvida, uma ação que correspondia à demanda criada pelo próprio Centro que, ao abrir suas portas, em 2000, passou a oferecer à cidade uma programação que se concentrava na exibição de mostras de uma parcela significativa da produção contemporânea de arte.

Se, por um lado, esse perfil de mostras ocupava um importante espaço, por outro criava a necessidade de discussão e acessibilidade para essa produção contemporânea, muitas vezes extremamente enigmática para o público.

Dentro dessa perspectiva é que se estabeleceu o recorte que nos propusemos a fazer: uma concentração na criação que se afasta da representação naturalista e apresenta-se como desafio para os seus leitores – e isso se configura, como prática artística e de pensamento, a partir do século XIX – e a reflexão sobre a existência, de diversas versões em que é possível se documentar e reconfigurar o percurso histórico e artístico em contraposição a uma história da arte hegemônica.

Assim, *HISTÓRIA(S) DA ARTE: DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO* são vários percursos que mapeiam as possibilidades de se narrar a(s) história(s). Parte-se da ideia de uma substituição da representação pela apresentação de algo novo e sem referenciais fora de seu próprio campo, essa utopia acalentada pelas vanguardas artísticas do início do século XX que, embora não tenha se cumprido efetivamente – pois, a arte, como linguagem, mantém seus laços com o contexto em que se insere – mudou radicalmente o panorama da produção artística.

Aos palestrantes, foi proposto que pensassem em formas de se discutir essa virada que nos fez abandonar a idéia da obra como lugar de repouso do olhar e a substituiu pela de embate, onde os campos de produção, leitura e interpretação se interpenetram e se constituem, em conjunto, na concretização do objeto de arte.

Ao longo dos encontros, o que se viu foi uma diversidade de abordagens que provocaram o público a pensar sobre o lugar da obra de arte no mundo contemporâneo e a abandonar a idéia de que a produção atual é críptica, necessitando de um “manual de instruções” para poder ser lida. De uma maneira geral, e sob diferentes pontos de vista – que poderemos conferir nos textos desse livro – foram-se desvelando as trilhas poéticas que tecem as relações entre a arte e o contexto sociocultural em que ela floresce. Movimentando-se entre os diversos períodos históricos que gestaram a produção contemporânea, cada autor oferece o seu mapa que associa a cronologia às lógicas de pensamento que se mantêm como estrutura, ao longo da história do homem.

Nesse itinerário percorrido, optamos por manter o estilo de cada palestrante e a formatação do texto propostos por cada um, como documentação de um processo plural, onde as histórias se contam por viéses diferenciados... à maneira de cada orientador de percurso.

No primeiro módulo, *Da representação à apresentação*, Elida Tessler nos convida a embarcar em uma série de associações que nos propõe como exercício de (re)(des)construção conceitual do tema que lhe foi sugerido. Optando por uma abordagem não cronológica, ela centra sua fala na idéia da transformação do olhar. Associando a teoria da arte aos estudos de linguagem e ao pensamento psicanalítico, lança mão de idéias propostas por artistas como Waltercio Caldas e Casimir Malevich (ou até mesmo do livro *ZOOM*, de Istvan Banyai) para tratar da representação do vazio, desse atravessamento do olhar pelas coisas (não domesticadas) do mundo. Lança mão do pensamento de Malevich, associado ao de Hélio Oiticica, naquilo que ele denomina de **programa** e que não diferencia os espaços da arte e da vida cotidiana... O que provoca sua aproximação à noção de **Merz**, de Kurt Schwitters. E se articula com o que Renée Passeron chama de “apresentação visível do ato de apresentar...”. O que poderíamos, sem dúvida, associar à idéia de representação em psicanálise como algo que diz respeito ao próprio ato de representar.

Já Carlos Silva, utilizando-se de uma narrativa de percurso pessoal, opta por apresentar a transformação da arte usando como referencial o que está documentado na história da arte (aquela que mantém uma visão eurocêntrica, como ele mesmo sublinha) para, da cronologia, retirar os marcos da radical rotação que se estabelece na linguagem artística. É aí que ele coloca em paralelo o Manifesto Antropofágico e a teoria freudiana, como forma de identificar o que determina a sujeição ao pensamento hegemônico, onde tantas outras histórias se constroem (talvez no desejo daquilo que não é nosso...). Para traçar seu mapa, ele retrocede ao século XV, ao nascimento da era moderna e chega ao momento presente, instituindo três marcos que associam a história à semiótica e à psicanálise como referenciais. Assim, partimos da idéia de **construção da realidade**, discutimos questões referentes **ao lugar da fantasia** e nos pensamos nesse lugar que a arte nos coloca, **entre o Real e o Imaginário**.

No segundo módulo, *O moderno*, Glória Ferreira faz-nos uma provocação ao propor uma inversão no título do evento: *Do contemporâneo ao moderno: história(s) da arte*. Essa inversão corresponde à idéia de um olhar contemporâneo sobre a teoria modernista, capaz de identificar ali a formação de um pensamento hegemônico que, como ela afirma, recalçou algumas das propostas artísticas definitivas para o pensamento atual. Ao traçar um panorama dos conceitos de moderno, desde o século XIX, nos indica, por exemplo, como um importante crítico modernista como Clement Greenberg, ao apontar a autonomia da forma como central à arte e à abordagem fenomenológica como estrutural à leitura da obra (algo que coloca a abstração como paradigma), relega a segundo plano os artistas e movimentos que fazem da eliminação de fronteiras entre arte e vida cotidiana a base de sua criação. Aponta a fotografia como provocadora de uma mudança de relação do artista com sua obra e a própria transformação das relações entre desenho e cor, que de articulação entre construção intelectual e experiência sensorial (categorização estabelecida há vários séculos), passam a transitar entre as duas posições (e inclusive ocupar o lugar de inscrição textual).

Gê Orthof nos fala do moderno por meio da construção de um mapa (feito por um *bricoleur*) cujas linhas estruturais são do um ao outro, do outro ao um e a passagem da afirmação modernista de um OU outro à do presente um E outro, circunscritas pelos marcos históricos (e teóricos) que transformaram o mundo para sempre. Ou seja, um mapa cujo itinerário vai, como afirma o autor, “de uma produção altamente subjetiva e idealizada – criada no isolamento do artista em seu ateliê – para uma arte cada vez mais atrelada e influenciada pelas transformações do cotidiano e de outras áreas do conhecimento”. Para tal, aparecem múltiplas imagens da produção artística dos últimos séculos, associada a trechos de filmes (*Mon Oncle*, de Jacques Tati, ou de *2001, Odisséia no espaço*, ou de *Apocalypse Now*, entre outros), à imagens de fotojornalismo e a trechos de composições musicais... um passeio à moda do *flâneur* Baudelaire, encarnando o espírito moderno. Nesse quebra-cabeças que somos instados a montar aparecem duas figuras icônicas da arte na passagem do moderno ao pensamento contemporâneo: Jackson Pollock e Andy Warhol, um ou outro... um e outro.

No terceiro e último módulo, *A pós-modernidade*, Cristina Freire introduz seu tema estabelecendo a diferença (e a necessária articulação) entre as idéias de percepção do objeto e de construção do olhar, por meio da análise dos atos de colecionar e expor, como de provocação da contaminação (de sentido) dos objetos – uns sobre os outros e aquela exercida pelo contexto sociocultural no qual se inserem (o que certamente define uma instabilidade de sentido). Em *Arte contemporânea e instituições: a exposição como fresta do imaginário*, a autora destaca algumas mostras emblemáticas, como forma de demonstrar os discursos ideológicos implícitos em sua estrutura. Iniciando pela Bienal de São Paulo, ela faz um paralelo entre seu caráter panorâmico e o modelo das exposições universais do século XIX, para encontrar aí os pressupostos para os museus de Arte Moderna, cujo paradigma seria o MoMA, com sua “teologia da arte sem referenciais no mundo exterior”. Essa pretensa “neutralidade” – que torna subliminar um discurso claramente político – em que os princípios formalistas dividem as mostras por técnicas e cronologia (e geografia), não se sustenta em uma produção cuja medida é o trânsito entre linguagens. Para

definir outra perspectiva, Cristina apresenta as propostas críticas ao museu desenvolvidas por artistas como Marcel Duchamp e Marcel Broodthaers, entre outros, onde exposição é texto, para concluir sua fala comentando outro tipo de subversão ao conceito hegemônico: aquele da representação da ausência, da apresentação subjetiva...um convite à (re)construção de sentido.

Com uma abordagem panorâmica do pós-moderno e, mais especificamente, da produção visual contemporânea, Simone Osthoff inicia a palestra *Movimentos e tendências contemporâneos* utilizando como referencial para demonstrar a contraposição do purismo modernista – cujo paradigma teórico seria Greenberg – ao ecletismo pós-moderno – cujo paradigma conceitual seria Marcel Duchamp –, as tendências arquitetônicas e sua articulação com outros campos da arte. Nessa perspectiva, a autora identifica as construções da teoria da arte contemporânea pela diluição de campos de conhecimento, através de um percurso que vai dos anos 1960 aos anos 1990. Já em *Alteridades: políticas da diferença*, ela contrapõe o conceito moderno de identidade à fragmentação do sujeito contemporâneo. Em um percurso teórico que vai de Marx, Freud e Saussure aos filósofos pós-estruturalistas, ela nos conduz a diferentes linhas representadas pelo feminismo, por exemplo, e pela passagem do multiculturalismo aos discursos polifônicos do pós-colonialismo. Por último, em *O conteúdo utópico da arte*, somos conduzidos pelas relações entre arte e ciência (e tecnologia), e suas conseqüências paradoxais entre os diferentes grupos sociais.

O convite que fazemos ao leitor é que percorra esse itinerário pelas muitas histórias da arte aqui propostas. Que seja uma bela viagem.

Marília Panitz
Renata Azambuja

Janeiro de 2004

SOBRE O CICLO DE PALESTRAS:

A idéia do ciclo foi de proporcionar ao público acesso a informações sobre momentos da história da arte a partir da modernidade até os dias de hoje e fornecer subsídios para a reflexão contextualizada de itens da agenda da história da arte e da cultura moderna e contemporânea.

O ciclo estruturou-se em 3 módulos, cronologicamente, compostos de quatro encontros cada.

O primeiro encontro de cada módulo foi aberto por um palestrante que tratou do tema de um ponto de vista de sua escolha.

Os outros três encontros, sob a responsabilidade de outro palestrante, foram desenvolvidos de forma a possibilitar conhecimento mais detalhado do período em questão.

MÓDULO 1: DA REPRESENTAÇÃO À APRESENTAÇÃO

A transformação do olhar. O artista e seu objeto antes e depois da perspectiva. A realidade como dado visível e sensível. Os artistas e seus olhares “modernos”. Os caminhos para a abstração. O espaço fragmentado. O artista construtor.

Elida Tessler

Da representação à apresentação:

A arte atravessada pelos olhares não-historicizantes. Do contemplativo ao

construtivo e desconstrutivo; mudança do ponto de vista a partir de inclusão do objeto cotidiano no contexto da arte e das proposições cubistas. A questão das apropriações. Marcel Duchamp (França-EUA), Kurt Schwitters (Alemanha), os Novos Realistas (França); Hélio Oiticica e Nelson Leirner (Brasil).

Carlos Silva

A construção da realidade

As posições do neoplatonismo e do neo-aristotelismo perante a história da arte moderna; a transformação do olhar, a iconoclastia, a técnica; o poder da imagem; o fundamento da mimesis; a invenção da perspectiva, a regra, as variações culturais e estilísticas; a representação, o problema do tempo e do espaço, seus conceitos fundamentais. Policleto, Limbourg, Jan van Eyck, Piero della Francesca, Velasquez, Wateau, David, Constable, Courbet.

O lugar da fantasia

O anticlássico contraposto ao clássico; a definição de natureza e cultura; os deslocamentos temáticos; a contra-regra; o campo ampliado; a apresentação; a expressão e a significação; os limites da imagem; a razão e a emoção.

Laocoonte, Cimabue, Giotto, Antonello da Messina, Matias Grunewald, Bosh, Arcimboldo, Goya, Turner, Munch.

Entre o Real e o Imaginário

A incerteza que permeia a construção histórica da arte. Idiossincrasias históricas, paradoxos e contradições, contrapontos, norma culta e norma coloquial; aspectos múltiplos da vida cotidiana; entre o sagrado e o profano; a excepcionalidade e a vulgaridade; sobre a angústia do homem moderno.

Praxíteles, a arte românica, a tapeçaria de Bayeux, Botticelli, El Greco, Caravaggio, Fragonard, Joshua Reynolds, Friedrich, Matisse.

MÓDULO 2: O MODERNO

Conceitos de moderno: o moderno através dos tempos e o moderno nas artes. A autonomia da forma, o conceito de arte-pela-arte. As vanguardas históricas. Os manifestos. Da crítica da forma à crítica social. O Modernismo no Brasil e no mundo. O choque do moderno, os impactos da Revolução Industrial, a mudança no fazer, o espaço da cidade como o espaço do moderno. O final do século 19 como o período das descobertas científicas revolucionárias: a psicanálise, a ótica, o darwinismo, a antropologia, a fotografia.

Glória Ferreira

O moderno

O moderno por meio de uma leitura contemporânea da teoria modernista, até bem pouco tempo hegemônica na “construção” de uma história da arte a partir de Manet. Questionar os postulados de uma história linear cujas rupturas sucessivas apontariam para uma evolução, um progresso em cada “área de competência”. Discutir os recalques dos quais foram objeto tanto o Surrealismo como o Dadaísmo e as suas conseqüências para a compreensão

construtivo e desconstrutivo; mudança do ponto de vista a partir de inclusão do objeto cotidiano no contexto da arte e das proposições cubistas. A questão das apropriações. Marcel Duchamp (França-EUA), Kurt Schwitters (Alemanha), os Novos Realistas (França); Hélio Oiticica e Nelson Leirner (Brasil).

Carlos Silva

A construção da realidade

As posições do neoplatonismo e do neo-aristotelismo perante a história da arte moderna; a transformação do olhar, a iconoclastia, a técnica; o poder da imagem; o fundamento da mimesis; a invenção da perspectiva, a regra, as variações culturais e estilísticas; a representação, o problema do tempo e do espaço, seus conceitos fundamentais. Policleto, Limbourg, Jan van Eyck, Piero della Francesca, Velasquez, Wateau, David, Constable, Courbet.

O lugar da fantasia

O anticlássico contraposto ao clássico; a definição de natureza e cultura; os deslocamentos temáticos; a contra-regra; o campo ampliado; a apresentação; a expressão e a significação; os limites da imagem; a razão e a emoção. Laocoonte, Cimabue, Giotto, Antonello da Messina, Matias Grunewald, Bosh, Arcimboldo, Goya, Turner, Munch.

Entre o Real e o Imaginário

A incerteza que permeia a construção histórica da arte. Idiossincrasias históricas, paradoxos e contradições, contrapontos, norma culta e norma coloquial; aspectos múltiplos da vida cotidiana; entre o sagrado e o profano; a excepcionalidade e a vulgaridade; sobre a angústia do homem moderno. Praxíteles, a arte românica, a tapeçaria de Bayeux, Botticelli, El Greco, Caravaggio, Fragonard, Joshua Reynolds, Friedrich, Matisse.

MÓDULO 2: O MODERNO

Conceitos de moderno: o moderno através dos tempos e o moderno nas artes. A autonomia da forma, o conceito de arte-pela-arte. As vanguardas históricas. Os manifestos. Da crítica da forma à crítica social. O Modernismo no Brasil e no mundo. O choque do moderno, os impactos da Revolução Industrial, a mudança no fazer, o espaço da cidade como o espaço do moderno. O final do século 19 como o período das descobertas científicas revolucionárias: a psicanálise, a ótica, o darwinismo, a antropologia, a fotografia.

Glória Ferreira

O moderno

O moderno por meio de uma leitura contemporânea da teoria modernista, até bem pouco tempo hegemônica na "construção" de uma história da arte a partir de Manet. Questionar os postulados de uma história linear cujas rupturas sucessivas apontariam para uma evolução, um progresso em cada "área de competência". Discutir os recalques dos quais foram objeto tanto o Surrealismo como o Dadaísmo e as suas conseqüências para a compreensão

desse período histórico, em particular das conceituações de uma autonomia da forma. Avaliar as relações entre a arte e a fotografia, e as transformações introduzidas pelas imagens de reprodução técnica a partir do século XIX, retomando a questão lançada por Walter Benjamin de “saber se a invenção da fotografia não havia alterado a própria natureza da arte”.

Gê Orthof

Existe um mundo lá fora! O embate do espaço protegido do ateliê frente ao dinamismo sem controle do mundo exterior. Principais conseqüências formais, políticas e poéticas. Existe um mundo (exótico) além da Europa.

A arte do passeio.

As utopias modernas e o desejo de criar uma arte acessível a todos. A aura da arte sobreviverá à necessidade de reprodução para as massas?

Ato falho: quase esqueci de dizer Freud e Einstein!

Guerras! Um mundo dividido em partes, muitas partes. O deslocamento do centro da Europa (Ocidental) para a América (do Norte).

Escândalo na academia: As artes flertam entre si e até mesmo com outras áreas!

Que espaço habita o moderno? Problemas no paraíso.

O Olimpo estremece: A guerra dos super-heróis: Sir Dripping Painting X Mr. Campbell Soup.

O sublime enfrenta o cinismo. Ambos morrem e renascem! O moderno sobrevive às suas várias mortes e se estabelece no agora. O moderno é aqui e agora!

Existe um mundo lá fora! O embate do espaço protegido do museu frente ao dinamismo sem controle do mundo exterior. Principais conseqüências formais, políticas e poéticas. Existe um mundo (exótico) além dos Estados Unidos.

Alguém disse Pós-Modernidade? O mundo se torna cada vez mais complexo, veloz e não-linear.

MÓDULO 3: A PÓS-MODERNIDADE

A idéia de pós-modernismo como crítica à utopia moderna. A originalidade e a autonomia na arte substituídas pela idéia de pluralidade, das apropriações, da autoria questionada. Da identidade às alteridades: o “outro”, gênero e sexualidade. O entrelaçamento das linguagens. O cruzamento das fronteiras geográficas e conceituais. O legado duchampiano: a obra vira objeto. Os outros espaços da arte. A crítica às instituições. A arte entre o espaço público e o privado.

Cristina Freire

Arte Contemporânea e Instituições

Os sistemas de produção, recepção, distribuição, e legitimação da arte serão abordados tomando o museu como lugar privilegiado de análise.

Tópicos: História da Arte, Museus e Exposições: enquadramentos ideológicos

Museus de arte moderna no Brasil: ordem e progresso

Paradigmas modernos versus arte contemporânea

Arte conceitual : presente e passado

Simone Osthoff

Movimentos e Tendências Contemporâneas

Pluralidade, a crise dos valores liberais universalistas e a localização do sujeito. A crítica à originalidade, à autonomia da arte e ao formalismo Greenberguiano. O legado Duchampiano; as apropriações e a questão da autoria; a crítica às instituições. Site-specificity, espaços públicos e contexto como produtor de sentido. Estéticas do ecletismo, hibridismo, ironia e pastiche.

Alteridade: políticas das diferenças

Feminismos, questões de gênero, sexualidade, classe, cultura e etnia. Corpo, prazer, afeto, subjetividade, práticas cotidianas, performance.

Multiculturalismo e pós-colonialismo. O entrelaçamento das linguagens; o cruzamento das fronteiras geográficas e conceituais; história da arte e da cultura visual.

O conteúdo utópico da arte

Arte, ciência, e tecnologia: do legado Futurista das vanguardas Modernistas às utopias futuristas das Novas Mídias (interatividade, telepresença, biotecnologia). Arte, ativismo e intervenções no circuito. A curadoria como moldura crítico-teórica. Transnacionalismo e globalização.